



PET Indígena

21 de julho de 2020 · 🌐



Meu nome é Ailton Batista, sou do clã wakavuyene, da etnia Palikur-Arukwayene, tenho 48 anos, falo a língua do meu povo, denominado de Parikwaki "Maykyene", moro na Terra Indígena Uaçá, Rio Urucauá, Aldeia Kumenê, aluno do Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, ano de 2020.

Estamos passando por uma alta crise na nossa aldeia Palikur, causada pela pandemia do coronavírus. No mês de maio um Agente de Saúde Indígena apresentou sintomas desse vírus na nossa aldeia, naquele momento os profissionais de saúde, enfermeiro, técnicos de enfermagem e médico saíram da aldeia, deixando o Posto de atendimento à saúde fechado por mais de uma semana, e os casos de pessoas infectadas cada vez mais aumentando. O Posto de Saúde foi aberto depois da chegada de outra equipe de profissionais da saúde, que vieram para o atendimento do povo Arukwayene, mas mesmo assim não tem remédio para combater o pico do novo coronavírus.

A pandemia impactou a vida da comunidade, deixando uma total aflição no nosso modo de vida. O atendimento à saúde para meu povo Palikur-Arukwayene já tem condições precárias há muitos anos, por falta de fiscalização das políticas públicas que visam assegurar os direitos dos povos indígenas carentes e garantir o melhor atendimento à saúde das populações indígenas. Sentimos um profundo abandono do poder público no atendimento à Saúde Indígena. Então, tomamos uma medida essencial para combater essa doença: buscamos a prática dos saberes tradicionais do povo, utilizamos técnicas dos anciões no preparo de plantas medicinais para o tratamento contra a doença. As práticas de preparo de medicamentos tradicionais apresentaram importantes resultados na recuperação das pessoas infectadas pelo vírus, mas duas pessoas da minha comunidade morreram vítimas do COVID-19. Os que perderam entes queridos ficaram muito tristes, eles farão muita falta para suas famílias e a dor que as pessoas sentem é inesquecível.

Quando a pandemia do coronavírus chegou na nossa aldeia fiquei com muito medo de morrer e perder a família. Na minha família o primeiro a apresentar sintomas do coronavírus foi minha filha Makuk, de 4 anos de idade, depois meu neto Kariwa. Nós tivemos que deixar o medo e cuidar da Makuk e Kariwa até que os dois se recuperassem, mas poucos dias depois todos os meus filhos e minhas noras apresentaram os mesmos sintomas. Nós ficamos em casa cuidando dos que estavam doentes, usamos apenas remédios feitos com plantas medicinais no tratamento, fizemos banhos e chás para combater o COVID-19, até que todos da minha família se recuperaram, atravessamos o período da pandemia mais preocupante, graças a Uhokri tudo passou bem na minha família.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil
17 de julho de 2020.

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Mon nom est Ailton Batista, je suis du clan Wakavuyene, de l'ethnie Palikur-Arukwayene, j'ai 48 ans, je parle la langue de mon peuple, nommée Parikwaki "Maykyene", je vis sur la Terre Indigène Uaçá, Fleuve Urucauá, Village Kumenê, je suis étudiant en Cours de Spécialisation en Études Culturelles et Politiques Publiques, année 2020.

Nous passons par une grande crise dans notre village Palikur, causée par la pandémie du coronavirus. Dans le mois de Mai, un Agent de Santé Indigène a présenté des symptômes de ce virus dans notre village, en ce moment les professionnels de la santé, infirmier, infirmiers auxiliaires et médecin sont sortis du village, laissant le Poste de Santé fermé pour plus d'une semaine, et les cas de personnes infectées augmentant encore plus. Le Poste de Santé a été réouvert à l'arrivée d'une autre équipe de Professionnels de la Santé, qui sont venus pour la consultation du peuple Arukwayene, mais même ainsi il n'y a pas de médicaments pour combattre le pic du nouveau coronavirus.

La pandémie a affecté la vie de la communauté, laissant une totale affliction dans notre mode de vie. Les conditions de consultations pour mon peuple Palikur-Arukwayene étaient déjà précaires il y a plusieurs années, pour faute de fiscalisation des politiques publiques qui doivent assurer les droits des peuples indigènes nécessaires et garantir la meilleure consultation de santé des populations indigènes. Nous ressentons un profond abandon du pouvoir public dans la santé des populations Indigènes. Alors, nous avons pris une mesure essentielle pour combattre cette maladie: nous avons cherché la pratique des connaissances traditionnelles du peuple, nous avons utilisé les techniques des anciens pour la préparation de plantes médicinales pour le traitement contre la maladie. Les pratiques de préparation des médicaments traditionnels ont présenté de résultats importants dans la récupération des personnes infectées par le virus, mais deux personnes de ma communauté sont mortes victimes du Covid-19. Ceux qui ont perdu des êtres chers ont été très tristes, ils vont manquer beaucoup à leurs familles et la douleur que les personnes ressentent est inoubliable.

Quand la pandémie du coronavirus est arrivée dans notre village j'ai eu tellement peur de mourir et perdre la famille. Dans ma famille le premier à présenter des symptômes du coronavirus était ma fille Makuk, de 04 ans, après ce fut mon petit-fils Kariwa. Nous avons dû laissé la peur et prendre soin de Makuk et Kariwa jusqu'à ce que les deux récupèrent, mais quelques jours après tous mes fils et mes belles-filles ont présenté les mêmes symptômes. Nous sommes restés à la maison pour prendre soin de ceux qui étaient malades, utilisant seulement des remèdes faits avec des plantes médicinales dans le traitement, nous avons fait des bains et thés pour combattre le Covid-19, jusqu'à ce que tous les membres de ma famille récupèrent, nous avons traversé la période de la pandémie très inquiets, mais grâce à Uhokri tout s'est bien passé dans ma famille.

Village Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brésil
17 Juillet 2020

Traduit par Manuella Adèle Fifamè CHOKKI .

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

I am Ailton Batista, I belong to the Wakavuyene clan, from the Palikur-Arukwayene ethnic group, I am 48 years old, I speak the language of my people, called Parikwaki "Maykyene", I live in Uaçá Indigenous Land, Rio Urucauá, Kumenê Village, and I'm a student of Specialization in Cultural Studies and Public Policies, 2020.

We are living a big crisis in our village Palikur, caused by the coronavirus pandemic. In May, an Indigenous Health Agent showed the symptoms of this virus in our village. At that time, health professionals, nurses, practical nurses and doctors left the village, leaving the health center closed for more than a week, and infected cases are increasing. The Health Center was opened after another team of health professionals arrived, who came to assist the Arukwayene people, but, even so there is not medicine to face the peak of the new coronavirus.

The pandemic affected the community's lifestyle, leaving us in a total damage. Health care for my people Palikur-Arukwayene has been in precarious circumstances for many years, due to the lack of inspection of public policies that aim to ensure the rights of needy indigenous peoples and guarantee the best health care for indigenous populations. We feel a profound abandonment of the public authorities in the care of Indigenous Health. So, we took essential measures to fight this disease: we seek the practice of the traditional knowledge of the people, we use techniques from our elders in the preparation of medicinal plants for the treatment against the disease. Traditional medicine preparation practices have yielded important results in the recovery of people infected by COVID-19, still two people in my community have died from it. Those who lost loved ones were disconsolate, they will be sorely missed by their families and the pain that people feel is unforgettable.

When COVID-19 pandemic reached our village, I was very afraid of dying and losing my family. In my family, the first one to show symptoms of the coronavirus was my daughter Makuk, 4 years old, then my grandson Kariwa. We had to let go of the fear and take care of Makuk and Kariwa until both recovered, but a few days later all my children and daughters-in-law showed the same symptoms. We stayed at home taking care of them, we used only medicines made with medicinal plants for the treatment, we brew baths and teas to fight COVID-19, until everyone in my family recovered, we went through the most horrifying period of the pandemic, thanks to Uhokri everything went well in my family.

Kumenê Village, Oiapoque, Amapá, Brazil
July 17th, 2020.

Translated by Ydoreh Gomes Borges

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Mi nombre es Ailton Batista, soy del clan wakavuyene, de la etnia Palikur-Arukwayene, tengo 48 años, hablo la lengua de mi pueblo, llamada Parikwaki "Maykyene", vivo en la tierra indígena Uaçá, Río Urucauá, aldea Kumenê, alumno de la carrera de Especialización en Estudios Culturales y Políticas Públicas del año 2020.

Estamos pasando por una crisis en nuestra aldea Palikur, causada por la pandemia del coronavirus. En el mes de mayo un agente de la salud indígena presentó síntomas de ese virus en nuestra aldea, en aquel momento los profesionales de salud, enfermeros, técnicos de enfermería y médicos salieron de la aldea, dejando el puesto de atendimento de la salud cerrado por más de una semana y los casos de personas infectadas aumentando cada vez más. El puesto de salud fue abierta después de la llegada de otro equipo de profesionales de la salud, que vinieron para el atendimento del pueblo Arukwayene, pero aún así no hay remedio para combatir el pico del nuevo coronavirus.

La pandemia impactó la vida de la comunidad, dejando una total aflicción en nuestro modo de vida. El atendimento de la salud de mi pueblo Palikur-Arukwayene ya presentaba condiciones precarias hace muchos años, por falta de fiscalización de las políticas públicas que se encargan de proteger los derechos de los pueblos indígenas carentes y de garantizar el mejor atendimento de la salud de las poblaciones indígenas. Sentimos un profundo abandono de parte del poder público en el atendimento de la salud indígena. Entonces tomamos una medida esencial para combatir esa enfermedad: buscamos la práctica de los saberes tradicionales del pueblo, utilizamos técnicas de los ancianos en la preparación de plantas medicinales tradicionales, presentaron importantes resultados en la recuperación de las personas infectadas por el virus, pero murieron en mi comunidad dos personas víctimas del Covid-19. Los que perdieron a sus seres queridos, se quedaron muy tristes, se sentirá su ausencia en sus familias y el dolor que las personas sienten es inolvidable.

Cuando la pandemia del coronavirus llegó a nuestra aldea sentí mucho miedo de morir y perder a mi familia. En mi familia el primero en presentar síntomas del Coronavirus fue mi hija Makuk, de 4 años de edad, después todos mis hijos y mis nueras presentaron los mismos síntomas. Nos quedamos en casa cuidando de los que estaban enfermos, sólo usábamos remedios hechos con plantas medicinales en el tratamiento, hicimos té y los enfermos se tomaban baños especiales con plantas medicinales para combatir al Covid-19, hasta que todos de mi familia se recuperaron, atravesamos el período de la pandemia más preocupante, gracias a Uhokri todo pasó bien en mi familia.

Aldea Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil
17 de julio de 2020.

Traduzido por Benjamin MBA ABUY NFUMU

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

